ELÓI MARTINS SENHORAS
ANA CÉLIA DE OLIVEIRA PAZ
(organizadores)

EDUCAÇÃO

Agendas Temáticas



IOLE EDITORA

EDUCAÇÃO

Agendas Temáticas

EDUCAÇÃO

Agendas Temáticas

ELÓI MARTINS SENHORAS
ANA CÉLIA DE OLIVEIRA PAZ
(organizadores)

BOA VISTA/RR
2026

Editora IOLE

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



EXPEDIENTE

Revisão
Elói Martins Senhoras
Geane Ribeiro Silva Monteiro

Capa
Alokike Gael Chloe Hounkonnou
Elói Martins Senhoras

Projeto Gráfico e Diagramação
Elói Martins Senhoras
Balbina Líbia de Souza Santos

Conselho Editorial
Abigail Pascoal dos Santos
Charles Pennaforte
Claudete de Castro Silva Vitte
Elói Martins Senhoras
Fabiano de Araújo Moreira
Julio Burdman
Marcos Antônio Fávaro Martins
Rozane Pereira Ignácio
Patrícia Nasser de Carvalho
Simone Rodrigues Batista Mendes
Vitor Stuart Gabriel de Pieri

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

Se75 SENHORAS, Elói Martins; PAZ, Ana Célia de Oliveira Paz (organizadores).

Educação: Agendas Temáticas. Boa Vista: Editora IOLE, 2026.

Série: Educação. Editor: Elói Martins Senhoras.

ISBN: 978-65-977111-2-3

1 - Brasil. 2 - Educação. 3 - Empiria. 4 - Estudos de Caso. 5 - Teoria.
I - Título. II - Senhoras, Elói Martins. III - Educação. IV - Série

CDD–370

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.
O presente livro contou com avaliação às cegas no sistema double-blind-review.



EDITORIAL

A editora IOLE tem o objetivo de divulgar a produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância social, científica ou didática em distintas áreas do conhecimento e direcionadas para um amplo público de leitores com diferentes interesses.

As publicações da editora IOLE têm o intuito de trazer contribuições para o avanço da reflexão e das práxis em diferentes áreas do pensamento e para a consolidação de uma comunidade de autores comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates.

O conteúdo produzido e divulgado neste livro é de inteira responsabilidade dos autores em termos de forma, correção e confiabilidade, não representando discurso oficial da editora IOLE, a qual é responsável exclusivamente pela editoração, publicação e divulgação da obra.

Concebido para ser um material com alta capilarização para seu potencial público leitor, o presente livro da editora IOLE é publicado nos formatos impresso e eletrônico a fim de propiciar a democratização do conhecimento por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

(Editor Chefe)

Copyright © Editora IOLE
2026

CAPÍTULO 8

Entre a Oralidade e a Criação:
Experiências Interculturais Com a
Cultura Indígena no Ensino Fundamental

ENTRE A ORALIDADE E A CRIAÇÃO: EXPERIÊNCIAS INTERCULTURAIS COM A CULTURA INDÍGENA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Michelle Miguel[1]

O projeto pedagógico desenvolvido ao longo do primeiro trimestre letivo de 2025 com a turma do 2º ano C do Ensino Fundamental da Escola Municipal Presidente Tancredo Neves teve como eixo central a valorização da cultura indígena e o respeito à diversidade cultural brasileira. A proposta partiu da compreensão de que a escola é um espaço de encontro entre diferentes saberes e identidades, e que a inserção das vozes dos povos originários no currículo contribui para uma educação mais democrática e descolonizadora.

Inspirado no pensamento de Ailton Krenak, o trabalho buscou promover uma aproximação sensível com os modos de vida e as narrativas indígenas, reconhecendo na oralidade e na tradição ancestral formas legítimas de conhecimento. Nesse contexto, o livro *Kuján e os meninos sabidos*, de Krenak e Rita Carelli, tornou-se o fio condutor de uma sequência pedagógica que integrou literatura, artes, ciências humanas e natureza, promovendo aprendizagens que ultrapassaram o espaço da sala de aula.

O projeto também se fundamentou na concepção de Paulo Freire, para quem a educação é uma prática de liberdade e diálogo. Assim, cada etapa do trabalho foi planejada de modo a valorizar a

[1] Professora da Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora. Especialista em Educação a Distância pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). E-mail para contato: milynn.mm@gmail.com

escuta, o respeito às diferenças e a construção coletiva do conhecimento.

A proposta metodológica inspirou-se ainda nas contribuições de Lev Vygotsky e José Moran, integrando princípios das metodologias ativas, nas quais o estudante é protagonista de seu processo de aprendizagem. Por meio da rotação por estações, das atividades artísticas, das vivências lúdicas e das rodas de conversa, as crianças puderam explorar, experimentar, criar e refletir, transformando o aprender em um movimento dinâmico e significativo.

A relevância da experiência está na possibilidade de articular teoria e prática em torno de um mesmo propósito: reconhecer, respeitar e valorizar as culturas indígenas, promovendo um ensino comprometido com a diversidade e com a formação integral dos alunos.

CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A experiência foi realizada na Escola Municipal Presidente Tancredo Neves, localizada no bairro São Pedro, em Juiz de Fora – MG. A instituição atende alunos dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, desempenhando um papel importante na comunidade ao oferecer não apenas o ensino formal, mas também atividades que promovem cidadania, respeito à diversidade e inclusão social.

A turma participante foi o 2º ano C do Ensino Fundamental, composta por crianças com faixa etária entre 7 e 8 anos. Ao todo, a turma contava com aproximadamente 25 estudantes, com diferentes ritmos de aprendizagem e vivências sociais e culturais. Trata-se de um grupo em processo de consolidação da alfabetização e demonstra

grande participação em atividades que utilizam recursos lúdicos, visuais e artísticos.

O perfil da turma mostrou uma grande inclinação para aprender por meio da experimentação, da comunicação oral e do trabalho em equipe. Durante o projeto, notou-se que a diversidade entre os estudantes — em termos de conhecimentos prévios, habilidades de leitura e escrita e estilos de aprendizagem — se transformou em uma oportunidade de colaboração, uma vez que as atividades sugeridas incentivaram o trabalho coletivo e a troca de saberes.

A proposta interdisciplinar desenvolvida ao longo do trimestre alinhou-se adequadamente ao perfil da turma, que respondeu positivamente a desafios que envolviam criatividade, expressão corporal e artística, além de atividades que exigiam participação oral e registros escritos. A vivência do projeto, portanto, não apenas contribuiu para a consolidação de competências escolares típicas da faixa etária, mas também possibilitou aos alunos refletirem sobre a pluralidade cultural brasileira, em especial o papel dos povos originários na construção da sociedade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A experiência desenvolvida com o 2º ano C do Ensino Fundamental foi sustentada por um conjunto de concepções teóricas que valorizam o diálogo entre cultura, educação e diversidade, promovendo uma prática pedagógica intercultural e descolonizadora.

Em primeiro lugar, destaca-se o pensamento de Ailton Krenak (2022), que defende a urgência de repensar a educação a partir de uma perspectiva que reconheça o ser humano como parte

da natureza e valorize os saberes ancestrais dos povos originários. Para o autor, é fundamental compreender que as narrativas indígenas são formas legítimas de conhecimento e de existência no mundo, "contribui para dissolver fronteiras culturais e raciais, e para que a gente possa falar de uma maneira mais respeitosa da diversidade cultural e da pluralidade de vida" (KRENAK, 2022, p. 122). Essa visão inspirou a proposta do projeto, ao inserir a literatura indígena e a oralidade como elementos centrais do processo de ensino e aprendizagem, aproximando as crianças de outras formas de ver e sentir o mundo.

A perspectiva de Paulo Freire (2019) contribui ao reforçar que a educação deve ser uma prática de liberdade, fundamentada no diálogo e no reconhecimento dos saberes prévios dos educandos, pois segundo o educador "saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber" (FREIRE, 2019, p. 60). Inspirado por esse pensamento, o projeto buscou escutar as vozes das crianças, promovendo situações de aprendizagem em que o conhecimento se constrói coletivamente e com sentido. A escuta, o respeito e a valorização da cultura do outro foram princípios orientadores das ações realizadas em sala.

Na dimensão psicopedagógica, Lev Vygotsky (2007) destaca a importância da interação social no processo de aprendizagem. Segundo o autor, é na relação com o outro que o sujeito se desenvolve cognitivamente, por meio da mediação e da cooperação. Essa concepção se materializou na experiência por meio das atividades em grupo, especialmente nas práticas de "rotação por estações", nas quais as crianças puderam trocar saberes, construir significados coletivamente e aprender de modo participativo.

Por fim, o trabalho dialogou com as concepções contemporâneas de José Moran (2018), que defende as metodologias ativas como estratégias que promovem o protagonismo do estudante

e o engajamento nas aprendizagens. Para Moran, o papel do professor é o de mediador que cria oportunidades para que o aluno explore, experimente e construa o conhecimento de forma autônoma onde "as metodologias ativas dão ênfase ao papel protagonista do aluno ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo" (MORAN, 2018, p. 04). Essa abordagem esteve presente ao longo de todo o projeto, especialmente nas atividades práticas e colaborativas, em que o fazer, o sentir e o refletir se entrelaçaram como partes de um mesmo processo educativo.

Assim, os referenciais teóricos que fundamentaram esta experiência convergem na defesa de uma educação que valoriza o diálogo, a diversidade e a autoria. Ao articular cultura, linguagem, interação e protagonismo, o projeto contribuiu para repensar o fazer pedagógico como prática viva e transformadora, em consonância com uma perspectiva intercultural e humanizadora.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A sequência pedagógica foi desenvolvida ao longo do primeiro trimestre letivo de 2025, envolvendo as disciplinas de História, Geografia, Ciências e Artes, em uma abordagem interdisciplinar que buscou integrar diferentes linguagens e experiências. O foco esteve na valorização da cultura indígena, explorando aspectos da oralidade, da arte, da ludicidade e dos saberes tradicionais.

A primeira etapa ocorreu na aula de Artes, com a roda de conversa e a contação da história do livro *Kuján e os meninos sabidos*, de Ailton Krenak e Rita Carelli. Esse momento inicial teve como objetivo despertar o interesse dos alunos para a temática

indígena, utilizando a narrativa literária como recurso de mediação cultural. As crianças participaram ativamente, compartilhando impressões sobre os personagens, valores e ensinamentos presentes na obra, o que permitiu estabelecer um diálogo entre o conteúdo do livro e as experiências cotidianas dos estudantes.

Na aula seguinte, de Geografia, os alunos tiveram contato com vídeos sobre comunidades indígenas, lendas e músicas tradicionais. O recurso audiovisual possibilitou ampliar o repertório cultural das crianças, aproximando-as das formas de vida e da musicalidade dos povos originários. A atividade favoreceu não apenas a sensibilização, mas também a reflexão sobre a diversidade de modos de viver presentes no Brasil, destacando a contemporaneidade das culturas indígenas.

A terceira etapa, realizada em História, consistiu na produção coletiva de um cartaz sobre a cultura indígena, utilizando a metodologia ativa de *rotação por estações*. Organizados em equipes, os alunos passaram por diferentes etapas de criação: pintura com pigmentos naturais (como café, açafrão e urucum), recorte de imagens, colagem e acabamento do cartaz. A proposta permitiu que todos experimentassem múltiplas formas de expressão artística, além de estimular a cooperação e a corresponsabilidade pelo trabalho coletivo.

Na sequência, em Artes, os estudantes participaram da atividade de música e ritmos indígenas, confeccionando chocalhos artesanais com garrafas pet pequenas e sementes. Após a construção dos instrumentos, os alunos exploraram sons e ritmos em uma vivência musical colaborativa. A atividade despertou a percepção sonora e corporal, valorizando a música como expressão cultural e meio de interação social.

Já nas aulas de Ciências, a proposta incluiu a confecção de brinquedos e utensílios, mais especificamente a construção do

kabuletê, brinquedo tradicional feito de papelão, barbante e bolinha de papel. O momento foi marcado pela curiosidade e pela experimentação, permitindo que os estudantes refletissem sobre a importância da reutilização de materiais e sobre o valor cultural dos brinquedos artesanais, em contraposição à lógica do consumo.

A etapa final da sequência ocorreu em História, com a vivência lúdica denominada "Chuva de Conhecimento". Para essa atividade, um guarda-chuva foi preparado com imagens relacionadas à cultura indígena, que, ao serem exploradas pelas crianças, possibilitaram diálogos sobre diferentes aspectos da vida e dos saberes originários. A proposta destacou-se pelo caráter lúdico e inovador, despertando entusiasmo e motivação nos alunos.

Essa descrição evidencia que a experiência foi marcada por uma abordagem interdisciplinar, ativa e significativa, na qual os alunos puderam aprender de forma integrada, participativa e criativa.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A avaliação foi realizada de forma processual, por meio da observação contínua e dos registros das produções dos alunos, respeitando o ritmo individual de aprendizagem. A análise dos resultados da sequência pedagógica aplicada no 2º ano C demonstrou progressos notáveis no processo de aprendizagem, na participação dos estudantes e na consolidação de valores ligados à diversidade cultural. Desde o início do projeto, observou-se o envolvimento ativo da turma, que demonstrou curiosidade, entusiasmo e senso de pertencimento diante das atividades propostas.

No campo da oralidade e da escuta, as rodas de conversa e a contação da história *Kuján e os meninos sabidos* estimularam o diálogo entre os alunos, permitindo a expressão de ideias,

sentimentos e interpretações pessoais. Essa troca de vozes, inspirada em uma pedagogia freiriana, fortaleceu a autonomia discursiva e o respeito às diferentes formas de pensar. As crianças aprenderam a ouvir o outro e a construir sentidos coletivos, transformando o diálogo em instrumento de aprendizado e convivência.

As atividades práticas e artísticas, como a confecção de instrumentos musicais, brinquedos e o cartaz coletivo, mostraram-se eficazes para o desenvolvimento da criatividade, da coordenação motora e do trabalho cooperativo. As crianças participaram de todas as etapas de forma colaborativa, demonstrando satisfação em produzir algo em conjunto. Esse envolvimento ativo reforça a importância das metodologias ativas, conforme destaca José Moran (2018), ao colocar o estudante no centro do processo de aprendizagem e permitir que ele construa o conhecimento por meio da experiência.

Outro resultado importante foi o fortalecimento dos valores de respeito, empatia e diversidade cultural. As discussões sobre a cultura indígena ajudaram os alunos a desconstruir estereótipos e a compreender que os povos originários são parte viva e fundamental da formação do Brasil. Esse movimento de reconhecimento e valorização cultural reflete o pensamento de Ailton Krenak (2022), ao propor uma educação que se reconecta à ancestralidade e ao cuidado com a vida em todas as suas formas.

Sob a ótica de Vygotsky (1991), a aprendizagem mostrou-se fruto da interação entre pares e da mediação docente. O trabalho em grupo e a rotação por estações possibilitaram que os alunos aprendessem com as trocas, fortalecendo tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o afetivo. O papel da professora, nesse processo, foi o de mediadora que orienta, escuta e incentiva, em consonância com os princípios freirianos de diálogo e respeito.

Em síntese, os resultados confirmam que a sequência pedagógica promoveu aprendizagens significativas ao integrar oralidade, arte, leitura e ludicidade. A proposta contribuiu para o desenvolvimento de competências acadêmicas e socioemocionais, além de reafirmar o papel da escola como espaço de diálogo intercultural e de construção de uma educação mais humana e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica desenvolvida com a turma do 2º ano C ao longo do primeiro trimestre de 2025 mostrou que é possível articular o ensino das diferentes áreas do conhecimento a uma prática educativa baseada na escuta, na valorização da diversidade e no diálogo entre culturas. O trabalho com a cultura indígena revelou-se uma oportunidade para repensar o currículo, tornando-o mais plural e conectado à realidade sociocultural dos estudantes.

As atividades realizadas — como a contação da história *Kuján e os meninos sabidos*, a confecção de instrumentos musicais e brinquedos, a produção do cartaz coletivo e a vivência lúdica "Chuva de Conhecimento" — possibilitaram às crianças aprender de modo ativo e significativo. A partir das metodologias ativas, inspiradas em José Moran, os alunos se tornaram protagonistas de suas aprendizagens, assumindo papéis de criação, cooperação e autoria.

Do ponto de vista teórico, o projeto reafirmou a importância de uma educação descolonizadora, conforme propõe Ailton Krenak, que reconheça os saberes ancestrais como parte do patrimônio cultural da humanidade. As ideias de Paulo Freire também se fizeram presentes na prática docente, na medida em que o diálogo e

o respeito às experiências das crianças foram assumidos como pilares do processo educativo. Sob a ótica de Lev Vygotsky, a aprendizagem ocorreu por meio da interação social, das trocas de experiências e da mediação entre pares, consolidando o papel do coletivo na formação cognitiva e afetiva das crianças.

Para a professora, essa experiência representou uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional, ao reafirmar a potência de uma prática pedagógica aberta ao diálogo, à sensibilidade e à diversidade. A vivência mostrou que a literatura e a arte são caminhos fecundos para a formação de sujeitos críticos, criativos e empáticos.

Dessa forma, o projeto "Kuján" deixou como legado a certeza de que educar é também cultivar o respeito às múltiplas formas de ser e de saber. Valorizar a cultura indígena na escola é reconhecer a riqueza da nossa própria identidade e reafirmar o compromisso com uma educação que une conhecimento, sensibilidade e humanidade.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2019.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, A.; CARELLI, R. **Kuján e os meninos sabidos**. São Paulo: Editora Companhia das Letrinhas, 2021.

MORAN, J. “Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda”. *In*: BACICH, L.; MORAN, J. (orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Editora Penso, 2018.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.